

Brinquedos Coloridos

Por Marcos Santana de Oliveira

Associação Educacional Professora Noronha

Brinquedos ensinam mais do que alguém possa imaginar. Quando era criança eu tinha muitos, mas não entendia porque minha mãe não me deixava brincar com os carrinhos do meu irmão e nem porque ele não podia tocar nas minhas bonecas.

Fui crescendo e aos poucos entendi que estou dentro de uma sociedade bem determinista. Às vezes, penso que meu papel social foi determinado desde que nasci só pelo fato de ser mulher, pois a sociedade é bem segura quando se trata de dividir papéis. Ao nascerem, meninos e meninas são logo diferenciados: Furamos as orelhas das meninas e vestimos os meninos de azul ou verde.

Claro, isso é normal, é uma forma de distinguir o sexo dos bebês, assim, continuamos furando orelhas e vestindo os meninos de azul. Percebi, então, que as crianças são diferenciadas antes mesmo de entenderem sua própria identidade. O ciclo continua, pois depois de algum tempo daremos carrinhos para os meninos e bonecas para as meninas, nunca o contrário.

Os meninos, então, vão aprender a ser durões, gostar de azul e mandar nas meninas. Por outro lado, as meninas brincarão de casinha, terão como cor favorita rosa e na maioria das brincadeiras serão submissas aos meninos. Ao crescerem, meninos e meninas serão exatamente o que se espera deles e as meninas, então, casarão e passarão os mesmos valores para seus filhos, pois já foram bem educadas nas brincadeiras de casinha e bonecas.

Meninas sejam sensíveis. Meninos não chorem. Meninas vão brincar de boneca. Meninos vão brincar de carrinho. Menino não brinca de boneca e nem menina de carrinho.

Eu não escapei do padrão social: furaram minhas orelhas e brinquei de bonecas. A minha preferida era uma Emília que ganhei da minha mãe. Eu a adorava porque ela parecia questionar tudo e, aliás, nem gostava muito de rosa, preferia o vermelho e o amarelo irreverente dela.

Minha mãe sempre foi muito cuidadosa comigo, mas eu queria que ela fosse um pouco menos, pois sempre ficava com vontade de tirar os enfeites que ela colocava no meu cabelo.

Agora me recordo de alguns fatos que ocorreram entre nós que me fizeram pensar sobre o papel escolhido para as meninas e meninos dentro da sociedade.

No dia do meu aniversário de oito anos, minha mãe me deu uma boneca bem bonitinha, eu nem liguei muito, mas fiquei segurando e olhando para ela enquanto íamos para casa da minha avó. Chegando lá, todo mundo dizia que eu estava quase uma mocinha e eu me sentia um trofeuzinho de vestido que minha mãe exibia para minhas tias.

Meu irmão logo me chamou para brincar com a turma dele em um campinho próximo à vila onde minha avó morava. Eu fui, corremos muito, fiquei com a roupa bem suja e tive um ótimo momento. Inocentemente, voltamos para a casa e minha mãe me olhou como se eu tivesse feito algo muito ruim, eu mesma me senti ruim por causa dela. Brigou comigo e perguntou sobre a boneca, que logo lembrei que não sabia onde a deixara.

Eu cresci cercada de olhares. Não sei por que meus pais, principalmente minha mãe, tinham tantas preocupações com minhas escolhas. Lembro-me muito bem do Natal de quando eu tinha dez anos de idade, novamente na casa da minha avó.

Na véspera de natal todos os meus primos e primas estavam reunidos e íamos receber nossos presentes. Perguntaram-me: “Qual você quer?”, não respondi, pois achei estranha a expectativa de todos em saber a resposta. Deixaram-me escolher entre uma boneca rosa e uma bola azul. Eu já tinha tantas bonecas rosa e a Emília de pano, que resolvi escolher a bola. Minha própria Emília me dizia para escolher a bola para brincarmos muito.

Peguei o presente, fiquei distraída e meus pais se afastaram um pouco. Não entendia o que acontecia ao redor, mas tivemos que ir embora. Depois desse episódio me proibiram de jogar futebol. Minha mãe até disse que quando uma menina jogava bola seu pé caía. De acordo com ela eu tive muita sorte de já não ter perdido o meu.

Aos quinze anos já tinha descoberto que meu pé não cairia se jogasse futebol. Pena que nessa idade já tinha desaprendido a brincar com minha Emília. Lá em casa resolvemos, então, repintar as paredes, eu queria meu quarto todo verde, mas depois de alguns atritos pintei de branco para evitar um roso que me doía na vista.

Não é à toa que esses episódios vêm à minha cabeça, eles são apenas algumas das muitas situações constrangedoras que limitaram minha identidade. O que poderia ser tão ruim se eu jogasse bola ou gostasse de verde?

Hoje em dia já sou mãe de dois filhos e não quero que eles se lembrem de mim como eu às vezes me lembro da minha mãe. Se brincar de boneca pode mesmo determinar um padrão social feminino vou deixar minha filha escolher sozinha o que quer, sem pressionar ou pressupor sua identidade.

Eu sei, eu sei, realmente furei a orelha da minha filha e vesti meu filho de azul quando eles nasceram, mas prometo que da próxima vez que formos comprar brinquedos os deixarei livres para escolherem o que quiserem, seja carrinho, seja boneca.